

Directora: **Nassalete Miranda**

28 Agosto de 2013

Nº 105 | Preço: 2 euros

Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Comemorar Camilo é um imperativo

Ribeira de Pena será palco de mais um momento de celebração a Camilo Castelo Branco. Vida e obra abordada no seminário «Camilo e Ribeira de Pena» no dia 14 de Setembro.

EM NOTÍCIA // PAG. 23

EM DESTAQUE // PÁGS. 4 a 7

Urbano daqui (não) nos despedimos

Lembrar Urbano Tavares Rodrigues nas palavras que se foram dizendo e escrevendo depois da sua partida. Domingos Lobo, Eugénio Lisboa e Luís Diamantino são apenas as que destacamos...

LITERATURA // PÁGS. 10 e 11

Os aromas e sabores no «Cozinheiro do Rei D. João VI»

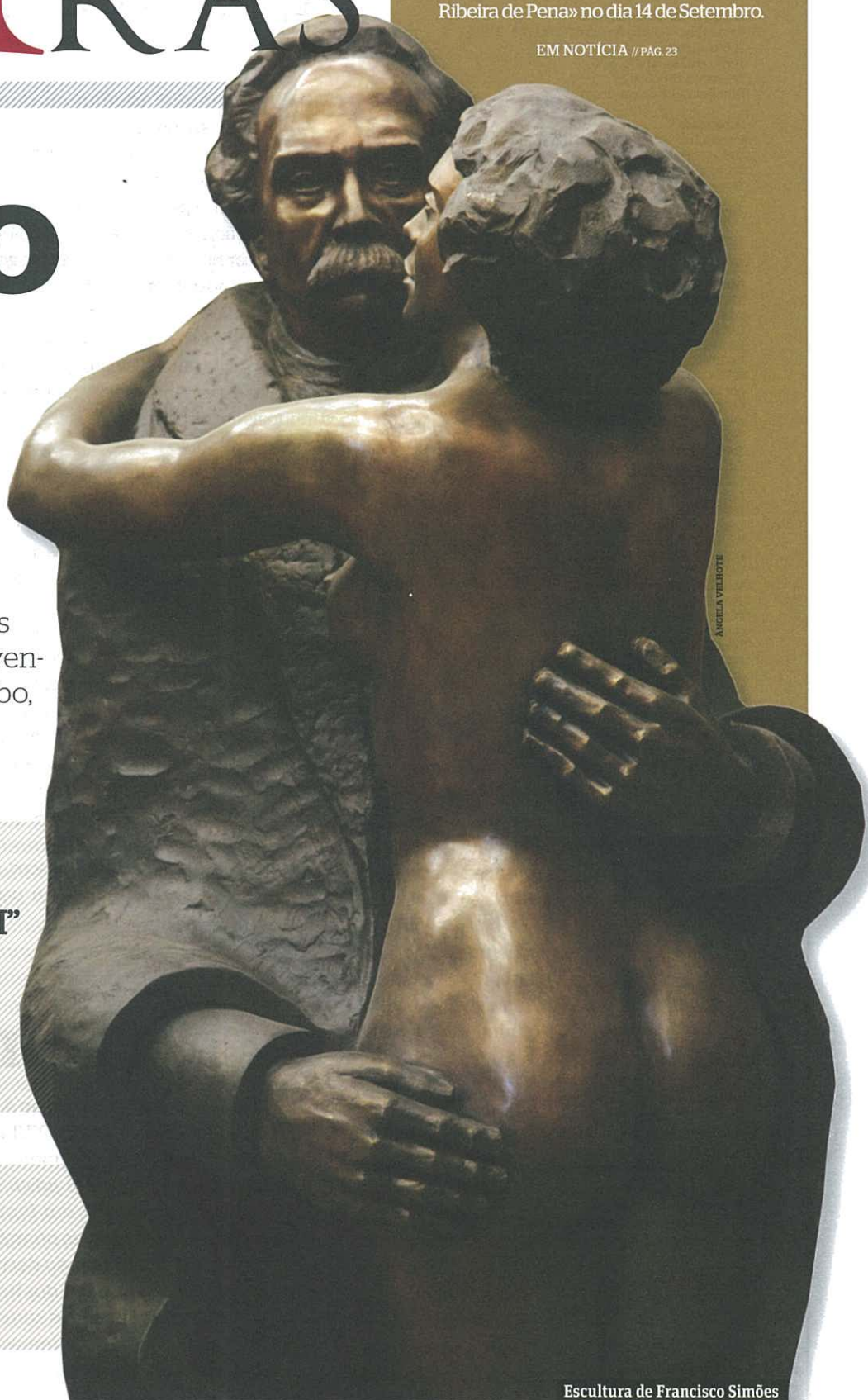
Hélio Loureiro é um conhecido autor de livros de culinária e gastronomia... Mas pouca gente sabe que é autor de um romance, «O Cozinheiro do Rei D. João VI», editado já em 2008.

POR: EUNICE NEVES

ARTE // PAG. 15

«Intemporalidade»

Onze artistas integram a exposição colectiva de pintura no Vivacidade. A inaugurar a 5 de Setembro, pode ser visitada até ao dia 27.



Escultura de Francisco Simões

PORTO, CIDADE DE BOAS CONTAS.



Dívida



Impostos



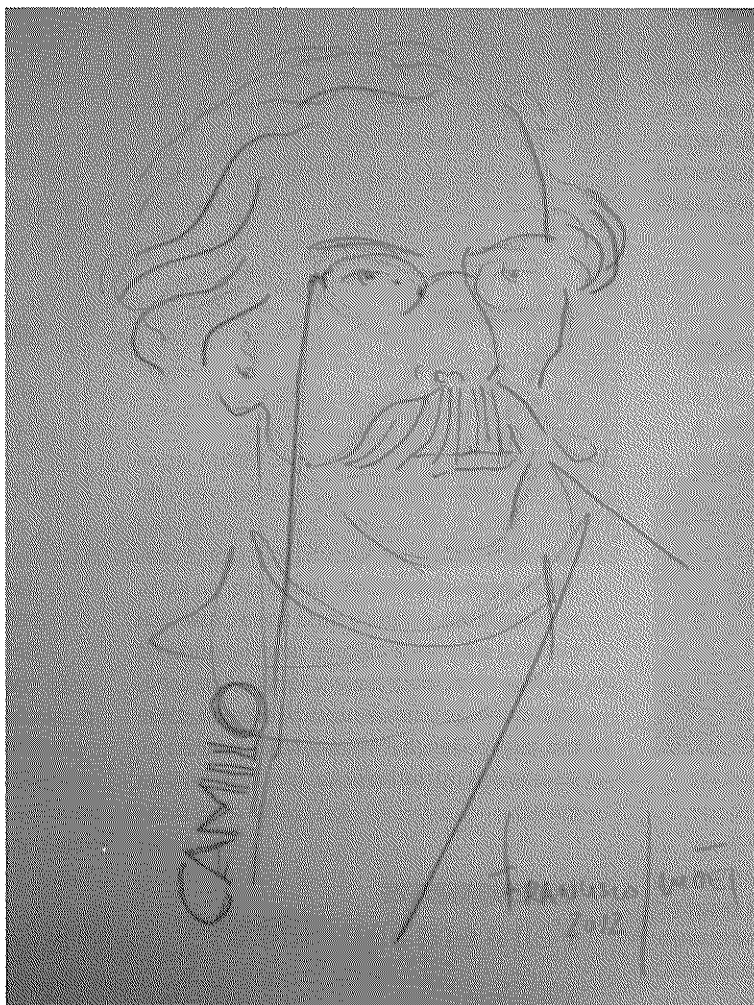
Qualidade de Vida



PORTO
Câmara Municipal

Seminário «Camilo e Ribeira de Pena»**“Comemorar Camilo é um imperativo”****ISABEL
FERNANDES**

No próximo dia 14 de Setembro de 2013 realiza-se em Ribeira de Pena (distrito de Vila Real) o seminário «Camilo e Ribeira de Pena». Com a recepção dos participantes (no Auditório Municipal da vila) marcada para as 9h30, será uma nova oportunidade de continuar a reflexão sobre o escritor português, a sua vida e obra, que se iniciou em 2012 com as comemorações dos 150 anos sobre a primeira edição de «Amor de Perdição», o mais famoso romance do autor, um dos expoentes do romantismo em Portugal. Sob organização do Ecomuseu de Ribeira de Pena, o seminário que pretende “reflectir sobre questões que permanecem acerca da passagem de Camilo Castelo Branco por Ribeira de Pena, onde se casou pela primeira vez com apenas 16 anos e que tanto influenciou a sua obra literária”. Será ainda a oportunidade de assinalar a reabertura ao público da Casa de Camilo em Friúme. Será também ocasião para “abordar outras questões relativas à literatura camiliana e à personalidade do escritor”, nomeadamente a gastronomia tão cara a Camilo Castelo Branco e que o programa não descarta, pelo que o seminário inclui um Almoço Camiliano. E haverá ainda uma homenagem ao camilianista ribeirapense Francisco Botelho. O fim do programa contempla a reabertura ao público da Casa de Camilo em Friúme, “com uma renovada exposição permanente e a inauguração da exposição temporária «Camilo, de Paulo Sá Machado», como se lê no programa já disponível. As inscrições para o seminário podem ser efectuadas até ao dia 6 de Setembro. Para melhor perceber as razões do seminário, o jornal As Artes entre As Letras falou com o poeta e ensaísta José Valle de Figueiredo, que integra a Comissão Executiva deste evento e foi um dos responsáveis pelas comemorações dos 150 anos da edição de «O Amor de Perdição». Tendo tido esta responsabilidade, considerou desde logo “que viriam mais efemérides relacionadas com Camilo e a sua Obra, que mereceriam ser evocadas. Desde logo, em 2013, os 150 anos da edição de «Noites de Lamego» e «O Bem e o Mal», cuja nova edição foi apresentada recen-



temente em Pinhel, pelo ensaísta João Bigotte Chorão. José Valle de Figueiredo explicou ainda a importância, ou até inevitabilidade, dessas iniciativas abrangerem “geografia vária”. Para tal, alguns contactos tiveram que ser estabelecidos... Lamego, através do Pelouro da Cultura e do Teatro Ribeiro Conceição, “logo abraçou a ideia”, numa colaboração mais alargada, lembrando escolas, juntas de freguesia e a Casa de Camilo.

Ribeira de Pena - reforçou José Valle de Figueiredo - “não poderia deixar de ocupar lugar primordial”. E a sua explanação continua: “Ribeira de Pena é ‘Lugar Santo do Camilianismo’; em segundo, porque dois dos mais emblemáticos contos do livro passam-se na sua geografia”. Assim, por proposta do próprio e de Paulo Sá Machado, “um dos maiores camilianistas portugueses”, como José Valle de Figueiredo o considera, à Autarquia, surge mais esta acção num projecto bem mais abrangente. O seminário «Camilo e Ribeira de Pena» conta com várias intervenções, sob diferentes temas. O 1.º painel (10h30) conta com o tema «Camilo e Ribeira de Pena: questões por es-

clarecer», que será abordado por Emanuel Guimarães, museólogo e coordenador do Ecomuseu de Ribeira de Pena. José Maia Marques, professor universitário no Instituto Superior da Maia, falará sobre «A Geografia das Noites de Lamego em Ribeira de Pena». Ainda neste painel, moderado por Paula Pereira, bibliotecária na Biblioteca local, Maria Hercília Agarez, professora aposentada e membro da Direcção da Academia de Letras de Trás-os-Montes, abordará «Ribeira de Pena: o princípio do fim da odisséia amorosa de Camilo». Sob o tema geral «Reflexões Camilianas» e com moderação de Emanuel Guimarães, será altura de se ouvirem os convidados do segundo painel: «Camilo e a comida», que será apresentado pelo professor aposentado e juiz presidente da Confraria Gastronómica dos Milhos, João Leite Gomes. «De Camilo a Alfredo Keil» é o tema que cabe a José Valle de Figueiredo: “Falar de Camilo e de Alfredo Keil será falar, em primeiro lugar, das relações do nosso escritor com a Música, que foram muitas e intensas. Em segundo, lembrar que a primeira Ópera em português - «A Serra-

na» - de Alfredo Keil, fundamenta-se no conto «Como ela o amava», do livro que será ali homenageado e que se passa no aro de Ribeira de Pena”. A Joaquim Jorge Carvalho, membro do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, cabe falar sobre «A narrativa camiliana: as personagens secundárias podem crescer?».

O programa da manhã termina com um debate. Após o almoço, haverá uma homenagem a Francisco Botelho, na Casa de Santa Marinha, e a reabertura da Casa de Camilo em Friúme, altura em que serão inauguradas a nova exposição permanente e a mostra temporária «Camilo».

E à questão a quem se destina o seminário, José Valle de Figueiredo é claro: “Comemorar Camilo é sempre um imperativo de ordem patriótica e identitária. Quando se escreve cada vez pior a nossa Língua, quando nos rendemos parolamente a tudo o que é estrangeiro, quando nos sujeitamos alegremente a modas e modelos que destroem a Portugalidade, celebrar Camilo é um exercício saudável de dignidade, independência e carácter”.